

A infância em Caxias do Sul/RS nas memórias de egressas do “Jardim” do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (1946-1956)

*Childhood in Caxias do Sul/RS in memories of graduates from the
“Garden” of the School Group Henrique Emílio Meyer (1946-1956)*

José Edimar de Souza*

profedimar@gmail.com

Elise Testolin de Abreu**

eliseabreu@bol.com.br

Resumo:

O objetivo do nosso estudo é analisar e compreender os sentidos atribuídos à infância no município de Caxias do Sul/RS, no período de 1946 a 1956 a partir de memórias de práticas de escolarização de egressos de uma instituição de ensino. Como aporte teórico, foi utilizada a história cultural e, metodologicamente, história oral com análise documental de fontes diversificadas como fotografias e jornais da época. Evidencia-se nas memórias desse grupo de sujeitos entrevistados, o destaque às experiências construídas, a convivência no jardim de infância e a forma como se sentiam pertencentes a um grupo social privilegiado que tiveram a oportunidade de frequentar o jardim de infância no Henrique Emílio Meyer.

Palavras-chave:

Infâncias; Caxias do Sul; Jardim de Infância; Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer.

Abstract:

The objective of our study is to analyze and understand the meanings attributed to childhood in the city of Caxias do Sul/RS, from 1946 to 1956, based on memories of schooling practices of graduates of an educational institution. As a theoretical contribution, cultural history was used and, methodologically, oral history with document analysis from diverse sources such as photographs and newspapers of the time. It is evident in the memories of this group of interviewed subjects, the emphasis on the experiences built, the coexistence in the kindergarten and the way they felt belonging to a privileged social group that had the opportunity to attend the kindergarten at Henrique Emílio Meyer.

Keywords:

Childhoods; Caxias do Sul; Kindergarten; Henrique Emílio Meyer School Group.

* Doutor em Educação, com estágio de pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS. Graduado em História, em Geografia, em Pedagogia e Bacharel em Biblioteconomia. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação e em História da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memórias (GRUPHEIM). Coordena os projetos de pesquisa financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS - GRUPO ESCOLAR NO VALE DO SINOS E NA SERRA GAÚCHA NO SÉCULO XX: HISTÓRIAS, CULTURAS E PRÁTICAS - Processo número: 21/2551-0002214-0 e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - GRUPO ESCOLAR NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XX: CULTURAS E PRÁTICAS EM PERSPECTIVA REGIONAL, processo número: 403268/2021-4.

**Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul-UCS. Graduada em Licenciatura em Pedagogia e especialista em Educação pela mesma universidade. É professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e, atualmente, ocupa a Gerência Pedagógica da Educação Infantil na Secretaria Municipal da Educação de Caxias do Sul - SMED. Integra ao Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memórias (GRUPHEIM).

Considerações iniciais

As concepções de criança e infância que temos hoje - infância como um sentimento que caracteriza a criança na forma de ser, agir e pensar diferente do adulto, e criança como um sujeito histórico de direito - são construções históricas e sociais formadas ao longo do tempo. Segundo Barbosa (2007, p. 1065), infância(s) é uma “[...] experiência social e pessoal, ativamente construída e permanentemente ressignificada”. É importante salientar que esse processo não foi e não é linear, alguns fatores como o espaço geográfico, a cultura e a situação econômica influenciam na sua mudança ou permanência.

De acordo com Kishimoto (1988), as principais concepções que hoje regem os princípios e práticas desenvolvidas na Educação Infantil tiveram suas origens com o pensamento de educadores como Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Froebel. Conforme a mesma autora, é somente em 1840 que o jardim da infância (*kindergarten*) é criado na Alemanha, quando as concepções teóricas sobre a escola infantil se tornam realidade com o discípulo de Pestalozzi, Frederich Wilhelm Froebel (1782-1852).

O Jardim da Infância, uma instituição de caráter educativo, tem aceitação relevante dessa modalidade de escola nos sistemas educativos em diferentes países, sendo os Estados Unidos um dos pioneiros, em razão das condições sociais de urbanização e imigração.

Froebel, ao denominar jardim de infância, usa uma metáfora, comparando o desenvolvimento da criança com o da planta, que precisa de atenção, cuidados semelhantes para crescer saudável. Para a professora de educação infantil, atribui-se o nome de jardineira. O jardim de infância, desde sua criação por Froebel, faz parte da categoria de estabelecimento próprio da educação pré-escolar.

Nesse sentido, o objetivo do nosso estudo é analisar e compreender os sentidos atribuídos à infância no município de Caxias do Sul/RS, no período de 1946 a 1956 a partir de memórias de práticas de escolarização de egressos de uma instituição de ensino. Como aporte teórico, foi utilizada a história cultural e, metodologicamente, história oral, análise documental de fontes diversificadas como fotografias, jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, documentos referentes ao jardim de infância pesquisado.

Contextualizando

O jardim de infância foi uma das primeiras instituições para a infância criada no Brasil. É no final do século XIX, com a Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, ainda no período imperial, que oficialmente se faz uma referência à fundação de jardins de infância no Brasil.

No Brasil, Kishimoto (1988) cita que o primeiro jardim de infância foi criado no Rio de Janeiro, em 1875, no Colégio Menezes Vieira, por iniciativa particular. A autora relata outros locais que tiveram jardim de infância:

No Brasil, coube também à iniciativa particular a instalação dos primeiros jardins de infância. No Rio de Janeiro, Menezes Vieira criou, em 1875, a primeira unidade no país, para atender à elite carioca, (...). Dois anos depois, os protestantes radicados em São Paulo inauguraram o Kindergarten na famosa Escola Americana, hoje Colégio Mackenzie, uma escola particular, destinada à elite. Instalaram também jardins de infância em Campinas e Piracicaba. Em outros estados do Brasil, como Pará, (Colégio Americano - 1884) e Rio de Janeiro (Colégio Menezes Vieira - 1875, Escola de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade - 1887 e Escola Alemã - 1883) foi por conta da iniciativa privada que surgiram as primeiras unidades infantis (KISHIMOTO, 1988, p. 58).

As primeiras iniciativas de criação de jardim de infância no Brasil foram privadas. O primeiro jardim público surge em São Paulo junto à Escola Normal do Estado.

Kishimoto (1988) destaca a preocupação com a falta de professores especializados para desempenhar a função nos jardins de infância. Isso fez com que em 1896 fosse instalado o primeiro jardim de infância estadual para o treinamento dos futuros professores. Cria-se o Jardim da Infância Caetano de Campos, em 1896, na cidade de São Paulo, anexo à Escola Normal do Estado.

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, não ocorrem grandes avanços em relação à implementação dos jardins de infância. Na década de trinta, mesmo com a legislação trabalhista, que, desde 1932, previa creches nos estabelecimentos em que trabalhassem trinta ou mais mulheres, isso não acontecia.

Kuhlmann Jr. (2000) faz um panorama sobre como estava acontecendo o atendimento à infância no âmbito nacional nas primeiras décadas do século XX.

No nível federal, a Inspeção de Higiene Infantil, criada em dezembro de 1923, é substituída em 1934 pela Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância, criada na Conferência Nacional de Proteção à Infância, em 1933. Em 1937, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública passa a se chamar Ministério da Educação e Saúde, e aquela Diretoria muda também o nome para Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância. (DAMI.) Em 1940, cria-se o Departamento Nacional da Criança (DNCr), em todas essas fases dirigido por Olinto de Oliveira, médico que havia participado do congresso de 1922. Entre outras atividades o DNCr encarregou-se de estabelecer normas para o funcionamento das creches, promovendo a publicação de livros e artigos (KUHLMANN JR., 2000, p. 482-483).

Sendo assim, o autor deixa claro qual é a preocupação do Estado em relação ao atendimento à infância, uma intencionalidade centrada na educação higienista. Essa preocupação com o cuidado e com a saúde refletia na organização das normas de escolarização que estavam embasadas no cuidado e na saúde da criança. Segundo Kuhlmann Jr. (2000, p. 6), desde a década de 1920 até meados da década de 1970, as instituições de Educação Infantil viveram um vagaroso “[...] processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional”.

No Rio Grande do Sul, a criação do primeiro jardim de infância foi em Porto Alegre no ano de 1911, no *Deutscher Hilfsverein* (Colégio Farroupilha). Segundo Bastos (2001, p. 17), foi “[...] contratada como jardineira Dorothea Gruber, de nacionalidade suíça, que cursara uma escola para formação de jardineira na Alemanha”. O Colégio Farroupilha foi fundado em 1886 pela Associação Beneficente Alemã, uma entidade criada para auxiliar os imigrantes alemães e seus descendentes.

Na Escola Complementar de Caxias do Sul, tal como na Escola Normal de São Paulo, é identificado por documentos, fotografias e jornais da época que também existia, na década de 1930, turma de jardim de infância para as futuras professoras desenvolverem suas práticas pedagógicas, compondo as turmas de aplicação nomeadas como classes infantis Coronel Muratore.

Souza (2010) aponta que, no final do século XIX, já havia uma preocupação com a educação da infância por parte de profissionais como filósofos, pediatras, educadores e psicólogos. A crescente industrialização e urbanização, bem como o avanço da ciência, favoreceram a compreensão sobre a infância e a constituição de instituições de educação infantil na Europa. A partir da segunda metade do século XIX, na Europa, as instituições de educação se reconfiguram. Essa propagação na Europa ganha força no final do século XIX e início do século XX, com a criação e organização de instituições educativas para educar a infância, em espaços escolares e não escolares.

O Brasil recebe essa influência, porém inicia de forma tímida, no final do século XIX e início do século XX, com a criação dos primeiros jardins de infância nas capitais brasileiras. A expansão significativa de instituições de educação infantil no Brasil acontece a partir da segunda metade do século XX, principalmente na última década, com a Constituição de 1988 e com a inclusão da educação infantil na educação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996. Conforme Conceição (2014, p. 80), “As primeiras instituições de educação infantil foram criadas, no Brasil, no final do século XIX, entretanto, foi no final do século XX que se registrou sua expansão mais efetiva”.

Em Caxias do Sul, as instituições de Educação Infantil seguem o fluxo a nível nacional, porém de forma sutil comparando com os grandes centros urbanos, nas capitais brasileiras.

A expansão do atendimento à infância em Caxias, como no exterior, também está relacionada à propagação das indústrias e ao aumento da população urbana, assim como aos movimentos femininos que reivindicam creches para as mães trabalhadoras. Inicialmente, as creches surgem pela necessidade de assistência para as crianças órfãs, abandonadas ou de famílias pobres. Por outro lado, os jardins de infância, com um caráter educativo, são criados primeiramente para atender as crianças das famílias mais abastadas, da elite.

Em Caxias do Sul, os jardins de infância começam a surgir nas décadas de 1930 e 1940. Na iniciativa pública, o jardim é inaugurado na Escola Complementar, na década 1930, e no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, em 1946. Já na iniciativa privada, inicia no Colégio São José, em 1945.

É por meio de entrevistas com ex-alunos que a cultura infantil presente no jardim de infância do GEHEM é rememorada. A escolha pela metodologia da História Oral se deve pela possibilidade de a fonte oral poder acrescentar uma dimensão viva, por meio da escuta dos percursos de vida dos ex-alunos, segundo Magalhães (2004, p.163) “[...] são os percursos de vida dos alunos e ex-alunos [...]” que “[...] representam e permitem aprofundar o conhecimento historiográfico sobre uma instituição [...]” As memórias permitiram a

A infância em Caxias do Sul/RS nas memórias de egressas do “Jardim” do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (1946-1956) análise sobre como se organizou o cotidiano, quais representações e práticas formaram a cultura de escolarização no jardim de infância do GEHEM de Caxias. É por meio das lembranças dos sujeitos que se obtêm subsídios para análise das memórias. Com as evidências das memórias dos entrevistados, buscamos compreender as representações sobre uma cultura escolar no jardim de infância público em Caxias do Sul, concebendo a memória como documento que possibilita a produção de leituras do passado, do vivido, experimentado pelos sujeitos, daquilo que lembram e esquecem.

A História Oral, segundo Alberti (2013), é uma metodologia de pesquisa e um meio de conhecimento. O pesquisador deve ter clareza das especificidades desse método para elaborar as questões da entrevista, para que sejam relevantes para pesquisar o que se pretende, com o objetivo de recuperar um passado de acordo com aquilo que é concebido pelos que o viveram. Após a realização da entrevista, realizou-se a transcrição e como argumentam Grazziotin e Almeida (2012), as memórias transcritas, depois de organizadas, foram analisadas como documento que possibilitou cotejar com outras fontes, como as fotografias e decretos legais.

Os sujeitos entrevistados foram ex-alunos que frequentaram o jardim de infância do GEHEM, no ano de 1953 e 1956. Conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Sujeitos entrevistados

Nome	Mariana Alquati Bisol	Eliza Maria Thomazzi Grossi	Sônia Inês Storchi
Data de nascimento	13/08/1947	16/04/1947	08/02/1950
Data da entrevista	22/05/2020	08/12/2020	30/04/2021
Modalidade	Virtual	Virtual	Presencial

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A primeira entrevista foi realizada com a ex-aluna Mariana Alquati Bisol do jardim de infância do GEHEM, indicada pela professora Dra. Cláudia Alquati Bisol, no Seminário de Pesquisa, disciplina que cursei no primeiro semestre do ano de 2020. A partir da primeira entrevista encontro o segundo sujeito para entrevistar, Eliza Maria Thomazzi Grossi, indicada por Marina. O terceiro sujeito, Sônia Inês Storchi, identifiquei nas entrevistas do banco de memória do arquivo histórico municipal João Spadari Adami. As entrevistas foram semiestruturadas, as questões sofreram alterações conforme as narrativas do depoente. Como novos elementos poderão surgir, conforme explicam as autoras Zago, Carvalho e Villela (2003, p. 295), “[...] a entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação”.

As entrevistas foram gravadas integralmente, para garantir a originalidade, a organização coerente e completa das respostas, assim como uma boa análise de dados. Outro fator essencial na entrevista é a escuta sensível à fala do outro. O entrevistador necessita fazer uma imersão no contexto que investiga, deve,

conforme Grazziotin e Almeida (2012, p. 37), “[...] permanecer atento aos comportamentos e atitudes demonstradas pelos sujeitos envolvidos, perceber suas falas e seus silenciamentos [...]”.

As transcrições das entrevistas foram feitas pessoalmente, pois Grazziotin e Almeida (2012, p. 40) pontuam que, “[...] ao transcrever, é possível lembrar dos aspectos marcantes do encontro e fazer anotações paralelas às falas”.

Procurou-se com a realização das entrevistas ampliar a compreensão dos processos e práticas desenvolvidos no cotidiano das aulas do jardim da infância questionando sobre as representações sobre aquele tempo, as experiências, a relação com os colegas e professoras. Nesse sentido, a próxima seção procura elucidar elementos que procuram traduzir um pouco dos vestígios da cultura escolar promovida neste lugar.

Memórias de práticas: o cotidiano no jardim de infância

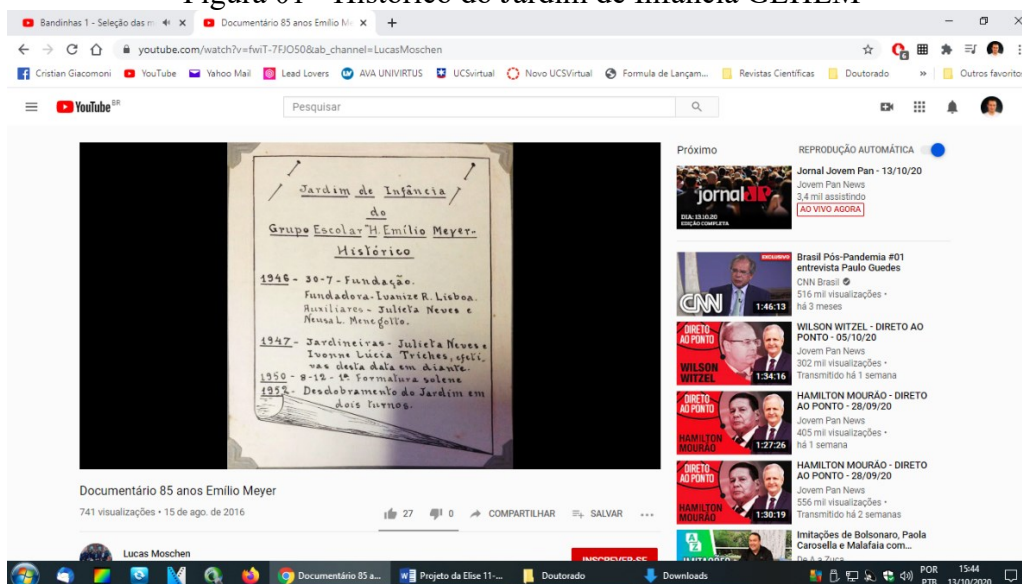
“[...] eu sabia a historinha da Branca de Neve do Walt Disney de cor, toda cantando, falando [...]”.

(MARIANA, entrevista, 2020).

Em pleno inverno, trinta de julho de 1946, foi criado o Jardim de Infância do GEHEM. A professora responsável pela sua fundação, Ivanize R. Lisboa - filha de Joaquim Pedro Lisboa, idealizador da Festa Uva e primeiro presidente do evento, figura notória da história de Caxias do Sul -, formou-se na Escola Complementar de Caxias no ano de 1935.

No GEHEM, a jardineira Ivanize contava com o auxílio das professoras Julieta Neves e Neusa L. Menegotto.

Figura 01 - Histórico do Jardim de Infância GEHEM



Fonte: Adaptada pelos autores a partir de Moschen (2016).

As jardineiras Julieta Neves e Ivonne Lúcia Triches, efetivas a partir do ano de 1947, são lembradas pelos ex-alunos com muito carinho. Ivonne é lembrada por Mariana (entrevista, 2020): “[...] isso eu tenho muito marcado, lembro muito dela das feições dela muito sorridente, pessoas que sorri com os olhos [...] um amor, uma pessoa muito querida”.

Do mesmo modo, as lembranças da jardineira Julieta Neves emergem com expressões de afeto por parte de Eliza (entrevista, 2020): “A minha professora do jardim era a professora Julieta. Era uma bem pequeninha coisa mais querida”.

Percebe-se, pelas entrevistas, que as jardineiras tinham os requisitos almejados para a época. Segundo Bastos (2017, p. 64), “[...] a jardineira deve ser agradável, cortês, delicada, calma e de aparência atraente [...]”. Assim, essas são características essenciais elencadas na Revista do Ensino/RS para as jardineiras, assim como apresentar um equilíbrio emocional, ser alegre, ter bom humor, exercer uma autoridade natural e um grande domínio de si, ser justa, firme e boa. Desse modo, os impressos produzem e transmitem uma imagem idealizada de jardineira.

Segundo Arce (2002, p. 85-86) Froebel “[...] dedica o Jardim de Infância aos cuidados desta personagem, possuidora dos atributos naturais e inatos para cuidar e educar a infância [...]”. No manual para os jardins de infância de Dr. Menezes Vieira de 1882, conforme Bastos (2011, p.37) “[...] a formação da jardineira deveria ser uma preparação para a maternidade conscienciosa”. Uma formação para as mulheres associadas às atividades como alimentação, maternidade, cuidado e educação.

No período Imperial, segundo Demartini e Antunes (1993) para as mulheres a Escola Normal era a única possibilidade para continuar os estudos, no entanto até a Primeira República, os cargos administrativos, de inspeção e técnicos eram ocupados pelos homens. De acordo com as autoras, a profissão docente é desempenhada pelas mulheres, mas, controlada pelos homens.

A Escola Complementar de Caxias as mulheres sempre predominaram nos bancos escolares. Segundo Bergozza (2010, p. 67) “[...] não é um fato incomum; a feminização do magistério é um fenômeno demonstrado em várias partes do mundo, especialmente entre o século XIX e XX”.

As fontes evidenciam que o jardim de infância do GEHEM no período investigado os professores eram mulheres, com as características emocionais e afetivas indicadas para as jardineiras.

De acordo com Bastos (2017, p. 77), “[...] um modelo de ‘bom’ professor vem se constituindo historicamente e convergindo para o delineamento da representação da docência em todos os níveis de atuação”. As memórias dos ex-alunos trazem uma imagem de professor, tanto do jardim como do próprio Grupo Escolar, de profissionais responsáveis, dedicados, experientes e competentes.

Outro fato marcante para a história do Jardim do GEHEM é a sua primeira formatura solene, que aconteceu no dia oito de dezembro de 1950, ano em que é inaugurada a fotografia no Grupo Escolar. A partir do ano de 1952, a instituição abre turmas de jardim nos dois turnos, manhã e tarde.

O Jardim de Infância era anexo ao GEHEM, ocupava uma sala no térreo, onde também havia a biblioteca e os banheiros. Os entrevistados lembram com detalhes da sala. Sônia quando rememora a sala vai falando devagar, com os olhos quase fechados, dando a impressão de estar no local que descreve.

[...] eu lembro assim muito, muito de como era a sala de aula. Era na frente, eu tenho a impressão que tinha dois pisos, o Emílio de dois pisos quando chega no [...] O térreo e o outro andar, então o térreo eram as crianças menores, era assim, quando chega na portaria a biblioteca fica do lado de cá [...] tinha a porta e a escada que subia para o outro andar [...] O andar, no primeiro andar seria tem o térreo e o primeiro era os alunos maiores, ali também tinha um gabinete dentário [...] então tem a portaria o jardim era desse lado e na frente tinha os banheiros (SÔNIA, entrevista, 2021).

A escolha da sala para o Jardim demonstra um certo cuidado, pois a sala ficava no térreo, então sem necessidade de subir escadas, e próxima aos banheiros. Em relação à organização, disposição dos móveis e a escolha dos mesmos, Sônia faz um inventário do que tinha na sala e a posição que ocupava.

Eram mesinhas redondas, pequeninhas, baixinha para gente da idade, com cadeirinhas também baixinhas, todas redondas, era misto (meninas e meninos). [...] e perto da porta um pouquinho para cá tinha uma caixa de areia [...] e no fundo da sala de aula tinha um armário grande com portinhas, e nessas portinhas a gente guardava material higiênico, pasta de dente, escova de dente, sabonete, toalhinha, a gente tinha, a gente aprendia escovar os dentes, essas noções de higiene (SÔNIA, entrevista, 2021).

Todo esse material descrito remete às práticas que eram desenvolvidas pelo jardim, que faziam parte do cotidiano, como práticas de higiene, com mesas coletivas, atividades em grupo e brincadeiras com a caixa de areia. Segundo Escolano Benito (2010, p. 13) a cultura material escolar é uma importante fonte de conhecimento:

La cultura material es valorada pues por la nueva historiografía educativa como una fuente esencial para el conocimiento del pasado de la escuela en sus dimensiones práctica y discursiva, toda vez que este legado material otorga identidad a una cultura inventada (en parte también reinventada a partir de la tradición) por los actores que dieron vida y forma a los nuevos espacios y modos de sociabilidad de los que las revoluciones liberales comenzaron a implantar en el siglo XIX.

Por meio da cultura material escolar é possível inferir as práticas desenvolvidas no jardim de infância, assim como também constatar o público atendido pela turma.

Assim, outro ponto relevante em relação a história do Jardim de Infância do GEHEM é que apesar de ser uma escola pública, nos seus anos iniciais caracterizou-se por atender à elite caxiense. Esse perfil elitizado é percebido ao se analisar as reportagens dos jornais da época sobre a formatura, com a lista dos formandos, lá estavam os filhos dos políticos da época, dos comerciantes locais, dos empresários, das famílias mais abastadas e que ocupavam posição social de destaque. Tais evidências corroboram com a análise feita por Moysés Kuhlmann Jr. (2015), ao anunciar a origem e existências dos Jardins de Infância como instituições

A infância em Caxias do Sul/RS nas memórias de egressas do “Jardim” do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (1946-1956) criadas para as classes ricas, as classes menos favorecidas estavam limitadas às creches e casas maternas, instituições essas que tinham um cunho assistencialista.

As práticas dos primeiros jardins de infância brasileiros estavam embasadas na concepção froebeliana. Sendo assim, os jardins de infância trazem na sua essência a priorização do lúdico. Froebel cria os dons ou brinquedos, escolhe a bola como primeiro dom,

[...] firmando todos os brinquedos em uma base matemática, tem na superfície esférica a bola, a mais simples e a mais perfeita forma dos objetos sólidos, na qual todas as outras formas se contêm. Além desse aspecto, assinala ser a bola o primeiro brinquedo que as mães dão aos seus filhos e ser o predileto das crianças (BASTOS, 2011, p. 107).

O brincar, que se evidencia nos depoimentos das entrevistadas, já era garantido nas turmas de jardim do GEHEM, antes de se tornar um direito preconizado pela ONU em 1959 com a Declaração dos Direitos da Criança. Eliza (entrevista, 2020) lembra: “[...] a gente tinha amarelinha, depois tinha o pátio o recreio, amarelinha, de rodas, cantigas, tudo isto tinha”. As memórias dos momentos de brincadeiras no jardim vêm acompanhadas de um sorriso no rosto, carregado de sentimentos, e Eliza continua a recordar: “[...] olha não sei são todas essas atirei o pau no gato, pirulito que bate, bate, ciranda cirandinha todas essas que ainda eu canto para meus netos”.

As rodas cantadas faziam parte das brincadeiras das crianças do jardim de infância do GEHEM, como recorda Sônia: “[...] brincava no jardim Ovo Podre, Ciranda Cirandinha, O Bibalô da Cruz, tudo a gente brincava no jardim, essas brincadeiras, tinha joguinhos. Como se chama isso? Brincadeiras de rodas.” (SÔNIA, entrevista, 2021).

As rodas cantadas são consideradas como brincadeira da tradição oral, que persiste entre as gerações, como Eliza afirma que ainda canta para os seus netos, são cantigas que estão vivas no imaginário das pessoas, práticas culturais que atravessam o tempo. Têm origem nos países europeus, mais especificamente em Portugal e Espanha. No Brasil, elas já estão incorporadas no folclore de cada região, desempenhando um papel importante para a cultura local. Nos espaços escolares, a cultura infantil se desenvolve nos momentos de atividades livres como o recreio.

[...] por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturais infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios do recreio e no afastamento em que apresentam em relação às culturas familiares (JULIA, 2001, p. 11).

Desse modo, com as rodas cantadas, podemos conhecer hábitos e costumes das pessoas, festas típicas de cada região, pratos, brincadeiras, flora, paisagem, fauna, crenças etc.

As rodas cantadas rememoradas pelas entrevistadas são cantigas comuns em todas as regiões brasileiras, assim como a brincadeira da amarelinha. Friedmann (1990) aborda que algumas práticas culturais da infância ultrapassam os limites do tempo e do espaço geográfico. As cantigas e brincadeiras compõem a cultura espontânea, de origem da vivência e da experiência de vida em grupos.

Além das cantigas de roda, as brincadeiras simbólicas são lembradas nas narrativas em relação à existência de brinquedos e brincadeiras: “*Tinha esse momento, brinquedos, bonecas, fogõezinhos, panelinhas essas coisas. Os meninos tinham bolas, carrinhos de madeiras, caminhãozinho [...]*” (SÔNIA, entrevista, 2021).

Por meio desses depoimentos, constatamos que o brincar já fazia parte do currículo do jardim de infância do GEHEM. Segundo Bastos (2017, p. 74), “O brincar e os brinquedos são temas sempre presentes na seção Educação Pré-primária [...]”, da Revista do Ensino/RS¹. Bastos (2017) em seu estudo aborda que o tema brincar aparece com frequência nas edições publicadas, isso significa a importância que o brincar já tinha na época para o desenvolvimento infantil. Em seu livro intitulado *Escolas-Maternais e Jardins de Infância* - publicado em 1955 a primeira edição e a terceira edição em 1957, pelo Departamento Nacional da Criança, que pertencia ao Ministério da Saúde -, Celina Airlie Nina (1957, p. 112) ressalta que “[...] o brinquedo infantil é para a criança a coisa mais séria do mundo e que, realizado como deve, proporciona-lhe ocasião de assumir responsabilidades, pensar, refletir”. Dessa forma, ela reforça o brincar na rotina diária do jardim de infância: “[...] tempo para a criança brincar sozinha.” (NINA, 1957, p. 95).

Investigando sobre o jardim de infância do GEHEM, deparei-me com mais um testemunho do quanto o brincar era levado a sério no cotidiano do jardim: uma fotografia do desfile da Semana da Pátria.

Figura 02 - Desfile Cívico (1950)



Fonte: Adaptada pelos autores a partir de Lopes (2015).

Essa fotografia registra um momento precioso, pois o desfile, nesse período histórico, era de suma importância para as escolas. O GEHEM sempre participou dos desfiles cívicos na Semana da Pátria, com destaque pela organização. O que simbolizava levar para as ruas no dia do desfile crianças com seus brinquedos? Qual a mensagem para a sociedade?

Considera-se que ganhar um lugar de destaque como esse representava afirmar para a sociedade que o brincar é a linguagem principal da criança para o seu desenvolvimento integral. Assim, conclui-se que o brincar já era reconhecido antes mesmo de ser declarado pela ONU como um direito da criança, em 1959.

Desse modo, o brincar esteve presente no cotidiano do jardim de infância do GEHEM, assim como as práticas de higiene, que representam os primórdios do binômio: cuidar e educar na Educação Infantil contemporânea.

Considerações finais

Escrever sobre o Jardim de Infância do GEHEM, não é somente contar uma história dos primeiros jardins de infância de Caxias do Sul, é lançar olhar, buscando entender o contexto educacional da educação infantil ao longo dos anos. Pois, uma instituição educacional constitui-se dentro de uma territorialidade espacial e cultural, constituída por alunos, professores e funcionários, formando uma cultura própria. Desse modo, meados da década de 1940 criar uma turma de jardim de infância em um grupo escolar, considerado uma escola modelo para a cidade, simbolizava uma ação de modernidade e ousadia, pois a educação infantil não era considerada uma obrigação do governo.

O jardim de infância para a época, foi considerado um ensino de luxo que somente os grandes centros urbanos conseguiam oferecer para sua população. Essa classe inicial que antecipava o ingresso na escola seriada também era ofertada apenas nas grandes cidades do Rio Grande do Sul até a década de 1950, como indica Souza (2021). Além disso, tanto a nível municipal como nacional, muitas pessoas ainda não tinham acesso ao ensino primária. Apesar do Jardim de Infância GEHEM ser uma escola pública, nos seus anos iniciais caracterizou-se por atender à elite caxiense.

A partir das pesquisas, das leituras e o contato com as fontes documentais tornou-se possível perceber que as práticas de escolarização desenvolvidas no Jardim de Infância do GEHEM estavam imbricadas em uma rede de escolarização estabelecida não apenas em caráter local, mas que trazem representações de práticas em caráter estadual e até mesmo nacional. Práticas essas que eram desenvolvidas com atividades de desenho, recorte, colagem, contação de história, músicas e dramatizações, também atividades de coordenação motora fina, organizadas por meio de celebração de datas comemorativas, apresentações e festividades, práticas que atrelavam o desenvolvimento de valores morais e intelectuais, além de preparar para o ensino primário.

Essa pesquisa possibilitou refletir sobre a história da Educação Infantil em Caxias do Sul e os modos como a infância, desde a década de 1940, estiveram nos projetos e horizontes políticos do município.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ARCE, Alessandra. **Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins-de-infância**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, out. 2007.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **A educação do homem /Friedrich W. A. Froebel**. Trad. Maria Helena Camara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os jardins de infância: ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira – 1882**. Porto Alegre: Redes Editora, 2011.
- BASTOS, Maria Helena Camara. De jardineira para a jardineira: orientações didático-pedagógicas para a educação pré-primária (Revista do Ensino/RS, 1951-1963). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 63-80, set./dez. 2017.
- BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola Complementar de Caxias: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930- 1961)**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.
- BISOL, Mariana Alquati. **Educação-Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer**. Entrevista concedida a Elise T. Abreu. Forma virtual. Transcrição de Elise T. Abreu. Caxias do Sul/ RS, 22 de Maio de 2020.
- CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortelini. **Práticas e representações da institucionalização da infância: bebês e crianças bem pequenas na creche em Francisco Beltrão/PR (1980/1990)**. 2014. 253f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2014.
- DEMARTINI, Zeila; ANTUNES, Fátima. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 5-14, ago. 1993.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.13-28, jul./dez. 2010.
- FRIEDMANN, Adriana. **Jogos tradicionais na cidade de São Paulo: recuperação e análise da sua função educacional**. 1990. Tese (Mestrado em Educação) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**. Reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- GROSSI, Eliza Maria Thomazzi. **Educação- Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer**. Entrevista concedida a Elise T. de Abreu. Forma virtual. Transcrição de Elise T. de Abreu. Caxias do Sul/ RS, 08 de dezembro de 2020.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- KUHLMANN JR., Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 469-496.
- KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- LOPES, Rodrigo. Seção Amnésia para avivar a memória. In: **Jornal Pioneiro** [online], Caxias do Sul/RS, 29 abr. 2015. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/04/29/secao-amnesia-para-avivar-a-memoria/?topo=35,1,1,,35>. Acesso em: 6 jun. 2021b.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- MOSCHEN, Lucas. **Documentário 85 anos Emílio Meyer**. 15 ago. 2016 (17m14s). Disponível em: <https://youtu.be/fwiT-7FJO50>. Acesso em: 12 abr. 2020.

A infância em Caxias do Sul/RS nas memórias de egressas do "Jardim" do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (1946-1956)
NINA, Celina Airlie. **Escolas-Maternais e Jardins de Infância**. 3. ed. Rio de Janeiro: Coleção Departamento Nacional da Criança, 1957.
REVISTA DO ENSINO. **Revista do Ensino do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre Ano X, n. 73, nov. 1960 RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127638>. Acesso em: 25 jun. 2021.
SOUZA, Gizele de. Os jardins de infância públicos do século XX. In: SOUZA, Gizele de (Org.). **Educar na Infância**: perspectivas histórico-sociais. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 123-140.
SOUZA, José Edimar de. **As escolas isoladas**: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940 a 1952). 2015. 295f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.
SOUZA, José Edimar de (org.). **Grupo escolar no Rio Grande do Sul**: escolarização primária em perspectiva regional no século XX. São Leopoldo: Oikos, 2021.
STORCHI, Sônia Inês. **Educação**-Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer. Entrevista concedida a Elise T. Abreu. Forma presencial. Transcrição de Elise T. Abreu. Caxias do Sul/ RS, 30 de abril de 2021.
ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Submissão: 21/03/2022

Aceite: 03/10/2022